

DEVÍAMOS EVITAR AS FPLM SENÃO SERIA O NOSSO FIM

N.
16
6
82
p.3

— Anuário Johanisse, bandido capturado pelas FPLM

Entrevistas conduzidas por Luís Lemos (AIM) e Jacinto Kossa

Quando regressávamos de Mabote, tivemos oportunidade de entrevistar alguns bandidos que se encontram detidos pelas nossas autoridades. Uns entregaram-se voluntariamente às FPLM, outros foram capturados quando procediam a operações de reconhecimento ou saque a aldeias da localidade de Mabote.

Todos eles confirmam os métodos de intimidação e terror que tais grupos utilizam contra a população e o obscurantismo empregado em grande escala. Destroem bens do Estado, aldeias comunais, «porque é lá que as populações se reúnem e organizam», roubam os camponeses, raptam pessoas e obrigam-nas a colaborar com eles.

Segundo os depoimentos que recolhemos, a tática para os raptados é inva-

riavelmente a mesma. Os camponeses são obrigados a participar nos saques, de maneira a comprometerem-se materialmente com os bandidos e a receberem regressar as suas casas.

Vamos apresentar as partes mais significativas das declarações prestadas por Rafael Chilango (23 anos) e Anuário Johanisse (22 anos). Ambos ex-milícias, tiveram contudo uma trajectória bem diferente nos bandos armados. O primeiro foi raptado pelos «blanquet», tendo desertado mais tarde devido ao que considerou ausência de objectivos claros e uma linha política definida, e o segundo foi voluntariamente para os bandos armados e posteriormente capturado pelas FPLM.

RAFAEL CHILANGO

PERGUNTA — Como foi parar aos bandos armados?

RESPOSTA — Fui raptado quando trabalhava na cantina do Tomé. Nesse dia tinha saído para Tsenane com o tractor, para acompanhar um mineiro recém-regressado. O tractor tinha uma avaria na bomba injectora e o tractor

R — Quando chegávamos onde havia comida, levávamos. Geralmente não encontrávamos resistência porque as pessoas não estavam armadas e abandonavam as suas casas com o que pudessem levar. Então quando lá chegávamos roubávamos tudo o que houvesse. Bois, cabritos, galinhas, tudo o que fosse comestível.

P — Como eram as vossas relações?

porque alguém tinha visto elementos da Frelimo (FPLM) nas redondezas. Gerou-se então um clima de «intranquilidade e eu aproveitei a confusão para fugir. Sai primeiro em direcção a uma sentinela, a quem disse estar a inspeccionar as posições. Deixou-me passar e quando me afastei o suficiente escondi a arma e fugi até Papatane, minha aldeia natal, onde me apresentei às forças militares.

P — Por que não fugiu há mais tempo?

R — A princípio tinha medo de fugir porque diziam que nos perseguiriam até nos matar e, caso isso não fosse possível, haviam de matar as nossas famílias. Também diziam que se não fossem eles a matar-nos, certamente quando nos apresentássemos às FPLM seríamos logo mortos.

P — Foi maltratado quando se entregou?

R — Não me fizeram nada. Logo que cheguei deram-me de comer porque estava cheio de fome e levaram-me depois para Mabote.

ANUÁRIO JOHANISSE

P — Como foi recrutado?

R — Tudo começou quando eu tive problemas lá na aldeia onde vivia. Fui julgado e sentenciado a pagar uma multa de dois mil meticals. Como não possuía essa quantia, decidi partir para o Chokwé para trabalhar na colheita do arroz, a fim de poder reunir a quantia que me era exigida. Em Zimane fui interceptado pelos bandidos, a quem tive de contar o que me tinha sucedido. Prometeram-me dar os dois mil meticals, caso eu estivesse disposto a trabalhar para eles. Prometeram-me a categoria de chefe de secção e o dinheiro seria dado no fim do ano. Acedi e levei-me para Chituta. Ali permanecemos muitos dias até que a base foi destruída pelas FPLM e fugimos para a região de Inhâmissa e, posteriormente, para Tsenane.

P — Quantos homens estavam sob o seu comando?

R — Dez homens.

P — Que missões executavam?

R — As missões eram sempre de reconhecimento e de saque. Reconhecíamos os locais onde existisse comida e onde houvesse posições das FPLM.

P — Se encontrassem comida o que faziam?

R — Levávamos conosco.

P — A comida era-vos oferecida?

R — Não. As pessoas quando não estão armadas e se apercebem que estamos nas imediações da aldeia, fogem sempre. Onde as surpreendemos obrigamo-las, se necessário utilizando a força, a darem a comida.

P — Que locais saqueavam vocês?

R — Pessoalmente fiz operações de reconhecimento em vários locais mas só participei no saque uma vez. Foi no círculo M'benzane. Roubámos mpira, milho, bois e cabritos. Os bois eram muitos, embora não me recorde o número exacto, e os cabritos eram dez.

P — Mas porque roubam vocês?

R — Roubamos porque não temos comida e a população não nos oferece, até as panelas que utilizamos foram roubadas.

P — Quantos homens há nos grupos onde você esteve?

R — Não posso dar números porque não sei, mas em Inhâmissa, por exemplo, éramos muitos, a maioria dos quais sem armas. A maior parte das pessoas são camponeses que foram capturados.

P — Quando as FPLM atacaram Chituta, você combateu?

R — Sim, mas nessa altura ainda não tinha uma arma. Só que eu estava na linha de combate e em casos dessa natureza colocam à frente os armados e atrás os que não possuem armas, para que, quando fim da frente cai ferido, o instruindo possa substituí-lo. A pessoa que me precedia foi ferida e eu tive que tomar o seu lugar. Mas nem cheguei a acabar o carregador, disparei uns tiros e fugi.

P — Quando são feridos onde são tratados?

R — Em nenhum lugar. Os feiticeiros é que fazem o tratamento.

P — Mesmo quando partem uma perna?

R — Quando um parte a perna, os feiticeiros deitam saliva na perna e dizem que se há-de curar, mas a pessoa acaba quase sempre por morrer por falta de assistência.

P — Costumam enterrar os mortos?

R — Em Chituta atiravam os cadáveres ao rio, mas se não morre logo, é transportado e se vier a morrer pelo caminho então é sepultado.

P — Nos grupos vocês abordavam assuntos relacionados com as vossas acções? Fale-nos desses encontros.

R — Tínhamos reuniões às quintas e sábados. Diziam-nos sempre que esta guerra não era para libertar todo o País. O que queremos é uma parte, a parte que pertencia aos nossos avós. Disseram que caso ganhassemos, poderíamos escolher uma terra para nós, que seríamos chefes da nossa zona de origem. Também diziam que devíamos destruir as aldeias comunais, porque é lá que as populações reúnem e organizam.



«Fugiu porque estava a sofrer sem saber para quê»

P — Quem vos falava disso?

R — Eram os nossos chefes Pedro o Tomate.

P — De onde é que eles são?

R — Um é de Manica e o outro de Zimane. Eles diziam que antes tinham estado no Zimbábue e pediram para nos dar uma parte do território e o Zimbábue negou. Por isso é que viemos aqui começar a luta. Diziam também que todas as armas e munições que utilizamos vêm da África do Sul, que é quem nos apoia. Em Manica, conforme nos referiam, éramos abastecidos periodicamente pelos sul-africanos.

P — Como é que vocês eram preparados?

R — Pelos feiticeiros. Na comida punham coisas que não permitiam pensar em mais nada, senão naquilo que eles diziam. Os feiticeiros é que vaticinavam tudo. Davam-nos também comprimidos que nos embriagavam.

P — Quantos feiticeiros têm, normalmente?

R — Em Chituta tínhamos cinco, mas um foi expulso. Em Inhâmissa tínhamos três.

P — Os feiticeiros faziam cerimónias antes de vocês partirem para o saque?

R — Sim, eles explicavam os caminhos que tínhamos que tomar para que nada acontecesse. Diziam: Não sigam por ali, senão vão encontrar soldados, vão para a zona tal que há comida. Havia vezes em que diziam para não sairmos porque havia perigo.

P — Por que é que um dos feiticeiros foi expulso de Chituta?

R — Aconteceu na semana em que Chituta foi tomada pelas FPLM. Os feiticeiros fizeram as suas adivinhas, uns diziam que o «ar» não estava bom, mas um, esse que foi expulso, afirmava que não havia problemas, tudo estava bom. Acontece que nesse mesmo dia a base foi assaltada e então decidiu-se expulsá-lo.

P — Mas como é que faziam as adivinhas?

R — Eles ficam sempre na base, não se deslocam. Os olhos estão sempre vendados e vão assim vaticinando tudo o que devemos fazer.

P — Preparavam operações contra as FPLM?

R — Não, os feiticeiros diziam sempre que devíamos evitar os soldados, porque senão seria o nosso fim.

P — Você só fez reconhecimento a aldeias, ou também fez outros locais?

R — Reconheci a serração de Chitanga. Quando sai de Inhâmissa fui para essa serração, onde permaneci quatro dias, os suficientes para recolher todas as informações.

P — Como é que passou lá esses dias?

R — Passei-os em casa do meu irmão, que é milícia e trabalha na serração. Ele não sabia o que me levava lá, nem que eu era dos bandidos.

P — Chegou a passar as informações que recolheu?

R — Não, porque eu ainda tinha a missão de reconhecer a vila de Mabote, onde fui capturado. Cheguei ao controle e pedi para passar, mas constataram que a minha via de marcha era falsa. Interrogaram-me e eu contei tudo.



Anuário Johanisse: «Devíamos atacar as aldeias comunais, porque é lá que as populações se unem e organizam»

rista resolveu ir ao Funhalouro, de onde seguiria para a Maxixe, para adquirir uma nova bomba. Eu fiquei a guardar o tractor: Na cantina da aldeia havia bicha nesse dia, e eu encontrava-me lá quando apareceram dois miúdos com a informação de que os bandidos estavam nas redondezas. Saímos da cantina e fomos para a aldeia de Madotchane. Quando os bandidos lá chegaram raptaram todos os jovens que lá se encontravam, incluindo eu. Tiraram-me 2100,00 MT que possuía na ocasião.

P — Eles limitaram-se a raptar os jovens?

R — Não. Começaram por saquear tudo o que havia nas casas das pessoas e depois incendiaram-nas. Na cantina também tiraram tudo: sabão, açúcar, leite e alguns gravadores. Queimaram o tractor quando viram que estava avariado, e não podia ser utilizado para transporte dos produtos roubados.

P — Para onde foram levados?

R — Fomos levados primeiramente para o mato, onde disseram que iríamos passar a noite. Quando ouviram o ruído de um carro, sospeçaram que era um blindado do exército e decidiram fugir. Obrigaram-nos a carregar os produtos roubados e seguimos para Chituta onde, na companhia de outros camponeses raptados, aguardei a chegada daquele que diziam ser o instrutor. Esperamos cerca de três meses pelo tal instrutor, de nome Jimmy.

P — Em que consistiu essa instrução?

R — Ensinaram-nos simplesmente manejar uma arma para podermos participar nos saques às aldeias. Passei a integrar um desses grupos de saque e participei seis vezes em operações do género.

P — O que é que saqueavam e como é que o faziam?

R — Quando chegávamos onde havia comida, levávamos. Geralmente não encontrávamos resistência porque as pessoas não estavam armadas e abandonavam as suas casas com o que pudessem levar. Então quando lá chegávamos roubávamos tudo o que houvesse. Bois, cabritos, galinhas, tudo o que fosse comestível.